

MINHA IRMÃ
Peça de Marcos Barbosa

PERSONAGENS

Amália e Emília.

CENÁRIO

O quarto de Amália.

TEMPO

Os minutos que antecedem o amanhecer.

ATO ÚNICO

Quarto de Amália, uma cama e uma cadeira de rodas a um canto. A escuridão é absoluta.

Fora de cena, Emília solfeja, muito debilmente, uma canção. Um a um, numa lenta construção sonora, outros ruídos vão se juntando a sua melodia, dando conta de que ela está na cozinha preparando o café.

Falta pouco para o dia nascer.

A cena é lentamente iluminada e pode-se então ver Amália, em sua cama. Ela presta atenção nos sons. Há muito está acordada.

AMÁLIA. Emília! *(pausa, o canto de Emília deixa de ser ouvido e faz-se silêncio quase absoluto na cozinha)* Emília! *(pausa mais longa)* Emília!

EMÍLIA. *(fora de cena)* Que foi?

AMÁLIA. Aconteceu alguma coisa?

EMÍLIA. *(fora de cena)* Não. Nada.

Pausa, outra vez os ruídos, agora desacompanhados do canto de Emília.

AMÁLIA. Emília!

EMÍLIA. *(fora de cena)* Diga.

AMÁLIA. Está fazendo o quê?

EMÍLIA. *(fora de cena)* Café.

AMÁLIA. Minha irmã, traga um bocadinho d'água... Minha garganta está tão seca...

EMÍLIA. *(fora de cena)* Como é?

AMÁLIA. Eu queria um pouquinho d'água.

EMÍLIA. *(fora de cena)* Já vai.

Uma espera longa. Com grande esforço, superando um aceso de dor, Amália senta-se, apoiando-se no espaldar da cama. Outros ruídos na cozinha. Emília não chega.

AMÁLIA. Emília!

Emília entra trazendo um copo d'água.

AMÁLIA. Minha irmã, desculpe eu ficar chamando, mas não é por desaforo, não. Estou quase morta de sede.

Amália recebe a água e, fitando Emília, toma um pequeno gole e devolve o copo.

EMÍLIA. *(recebendo o copo)* Está ruim?

AMÁLIA. Gelada demais.

EMÍLIA. Tirei do filtro.

AMÁLIA. A vela está limpa?

EMÍLIA. Por que?

AMÁLIA. O gosto. Muito estranho.

EMÍLIA. Já sai do cano assim. Deve ser na caixa.

AMÁLIA. Quando acontece, é tudo de uma vez. Lave a vela do filtro. Talvez melhore.

EMÍLIA. *(oferecendo outra vez a água)* Ainda quer?

AMÁLIA. *(após negar com a cabeça)* Você acordou cedo.

EMÍLIA. Mesma hora de sempre. É essa chuva. Parece que o tempo não passa.

AMÁLIA. Acordou adiantado sim. Faz tempo que escuto o barulho na casa. Começou no seu quarto e passou para a cozinha.

EMÍLIA. Estava ajeitando lá dentro.

AMÁLIA. Acordei com a zoadá. Por isso é que o vizinho reclama. Qualquer dia botam a gente para fora. Aí eu quero ver.

EMÍLIA. O café está na garrafa. Do jeito que você gosta: quase sem doce. Fiquei procurando a chaleira. Por isso é que fez barulho.

AMÁLIA. E estava onde essa chaleira?

EMÍLIA. No armário de cima. Deixei lá ontem e esqueci.

AMÁLIA. Você anda com a cabeça muito avoada e não é de hoje. Conhecendo você do jeito que eu conheço...

EMÍLIA. Vai tomar café agora ou quer deitar mais um pedaço? *(sem esperar pela resposta)* Deite. Depois eu venho chamar.

AMÁLIA. Não. Fique aí... Estou muito agoniada. Não consigo dormir mais, não.

EMÍLIA. Pois fique só descansando. Nem que seja acordada. Qualquer coisa já lhe ajuda.

AMÁLIA. Cada dia eu fico pior. Parece que é combinado. Quando eu acho que estou melhorando de uma coisa começa a piorar noutra canto. Achei que fosse acordar sem dor, mas pelo visto...

EMÍLIA. Espere o sol nascer direito. Despertando o dia você melhora. Vou só colocar a mesa e volto.

AMÁLIA. Não vá não, Emília. Fique. para quê se preocupar com isso agora? Deixe esse café de mão.

EMÍLIA. Você sempre gostou da mesa posta.

AMÁLIA. Mesa posta é besteira. Se dissesse que vinha alguma visita, tudo bem, mas estando só nós duas, não tem para quê. *(pausa)* Estou com um pressentimento ruim. Sente aí. Fale comigo.

Silêncio. Emília não introduz nenhum assunto.

AMÁLIA. *(tomando a iniciativa)* Tive até febre essa noite. Olha o lençol: lavado de suor. A garganta está tão seca de um jeito que mal consigo falar.

EMÍLIA. Tempo de chuva faz calor mesmo. Fica tudo abafado. Sua agonia é mais por isso.

AMÁLIA. *(após uma pausa)* Sonhei com papai. Você sabe: quando sonho com ele, boa coisa não é.

EMÍLIA. Quer passar para a cadeira?

AMÁLIA. Não. Aliás, não sei para quê esta cadeira, se tem dia que nem com ela eu posso. Hoje mesmo, duvido que eu dê conta de empurrar até a sala. Talvez, quando muito, eu consiga chegar na porta.

EMÍLIA. Precisando, eu estou aqui. Eu lhe levo.

AMÁLIA. Eu sei, mas não gosto de estar pedindo. Já dou trabalho demais.

EMÍLIA. Ora, se isso lá é nada.

AMÁLIA. Não gosto.

EMÍLIA. Como se fosse muito difícil lhe empurrar...

AMÁLIA. Quem é que quer depender de ninguém para chegar num banheiro, minha irmã? Por pouco que seja, para quem está sem poder sair do canto, fica sempre a tristeza de ter que ser carregado.

EMÍLIA. Você tem que sair dessa cama.

AMÁLIA. Estou bem, aqui.

EMÍLIA. Vem, eu te ajudo.

AMÁLIA. Pode deixar. Eu fico na cama mesmo.

EMÍLIA. *(sem dar atenção ao que diz a irmã)* Já-já você melhora.

E começa o ritual que se repete há anos: mover Amália da cama para a cadeira de rodas. O processo exige das irmãs muito esforço físico, embora já tenham, após tanto tempo, encontrado a forma menos desgastante de fazer isso. Amália colabora como pode, como lhe permitem as dores. É um momento de integração.

Terminada a manobra, as duas param para descansar. Precisam de um tempo para recobrar o fôlego.

AMÁLIA. Esse dia parece que nunca nasce.

EMÍLIA. Só mais uma meia hora.

AMÁLIA. Você espera aqui, comigo?

Emília não precisa responder. Espera silenciosa e arrastada. Amália e Emília já desenvolveram suas estratégias para se entreter durante estas lacunas de palavra que acontecem não muito raramente. Quando não podem mais suportar, quebra-se o silêncio.

AMÁLIA. Você acordou muito cedo.

EMÍLIA. Eu?

AMÁLIA. Sim.

EMÍLIA. Impressão sua.

AMÁLIA. Que hora era aquela?

EMÍLIA. Mesma hora de sempre.

AMÁLIA. Duvido. Mostre seu relógio.

EMÍLIA. Ficou no quarto.

AMÁLIA. Acordou, bem dizer, no meio da noite. Que é que tanto você arrumava lá dentro?

EMÍLIA. Esvaziando o armário de baixo, na cozinha, para quando vier o conserto.

AMÁLIA. O rapaz do móvel ligou?

EMÍLIA. Vem por esses dias.

AMÁLIA. A zoada começou no seu quarto.

EMÍLIA. Estava com mofo. O guarda-roupa fazia vergonha. Lá parece que entra água pela parede.

AMÁLIA. É o chuveiro. Quando a cozinha estiver consertada a gente dá um jeito de melhorar seu quarto. *(pausa)* Esse não está muito melhor, não. Dê graças a Deus que sua janela não dá para a rua. Olhe isso aqui... *(passa a ponta do indicador no braço da cadeira de rodas, indicando que está coberta de pó)* Onde passar o dedo fica a marca. E ainda tem o barulho de carro noite adentro.

EMÍLIA. Você não ia gostar do outro quarto, não. É pequeno, quase dentro da cozinha. Muito sem vento.

AMÁLIA. Assim mesmo, deve ser melhor que esse. Aqui entra sujeira demais pela janela. Só não troco com você porque no outro é capaz de não caber direito a cama e a cadeira.

EMÍLIA. De qualquer jeito está bom. Eu não reclamo. Guarda roupa a gente tem que limpar, mesmo. Já devia ter limpado o seu também, mas você não deixou.

AMÁLIA. Deixe eu melhorar, aí eu saio, vou para algum canto enquanto você limpa. Senão eu fico que não posso nem respirar com o pó que você levanta.

EMÍLIA. Você que sabe.

AMÁLIA. *(após uma pausa)* Que música era aquela?

EMÍLIA. Qual?

AMÁLIA. A que você estava cantando.

EMÍLIA. Eu?

AMÁLIA. É, ouvi você na cozinha, cantando.

EMÍLIA. Nem lembro. Se eu cantei foi sem prestar atenção.

AMÁLIA. Fazia tempo que eu não ouvia você cantar nada.

EMÍLIA. Uma hora a gente perde o gosto. Depois, de repente, volta.

AMÁLIA. Estava bonito.

EMÍLIA. *(com algum acanhamento)* Que besteira, Amália...

AMÁLIA. Verdade.

EMÍLIA. Ora se isso lá é nada.

AMÁLIA. Você canta bem.

EMÍLIA. Nem é cantando mesmo, é só fazendo de conta.

AMÁLIA. Eu gostei. Cante aí para eu ouvir.

Emília ri, divertidamente, tomando por piada o pedido da irmã. Quando pára, fitam-se as duas.

AMÁLIA. É sério!

Agora são as duas que riem.

EMÍLIA. É para cantar o quê?

AMÁLIA. Qualquer coisa.

EMÍLIA. Diga o nome de alguma música.

AMÁLIA. Cante o que você gostar. Qualquer coisa bonita que você lembre.

Vê-se que Emília tem real intenção de cantar, mas a ação não acontece. Há algo de constrangedor na situação e no silêncio que perdura.

EMÍLIA. Daqui a pouco nasce o sol.

AMÁLIA. Me diga uma coisa: O vizinho reclamou de novo?

EMÍLIA. O de baixo?

AMÁLIA. Sim.

EMÍLIA. É um menino. Fui falar com ele ontem.

AMÁLIA. Eu disse que você não fosse, Emília. Você não sabe resolver nada só. Chamasse ele aqui que eu falava.

EMÍLIA. Ora se ele lá vinha...

AMÁLIA. Vinha sim. Se não viesse eu me arranjava com o síndico. Ou então, ele que esperasse eu melhorar. Aí eu aparecia lá embaixo de um jeito ou de outro.

EMÍLIA. Ele já se ajeitou. Conversei com ele, expliquei. Tem que entender que gente velha, criada em fazenda, não sabe dormir até seis.

AMÁLIA. Que velha que nada, Emília. Quem foi que disse que você é velha?

EMÍLIA. Olha a minha idade, Amália.

AMÁLIA. Tem a vida pela frente. Não sei que história é essa de velhice. Você está neste estado é por conta da sua vida, que nunca foi muito ordeira. Desde pequena só se meteu em disparate. Parece até castigo... O nome disso é cansaço. (*pausa*) Eu é por que não posso ajudar, vivo doente. Tudo que é de mal me aparece.

EMÍLIA. Um dia você melhora.

AMÁLIA. Não melhora, não. E você pare de dizer que é velha. Aliás, quem for velho é para dar graças a Deus. Com tudo que eu sofro, não abro a boca para dizer desse tanto. Ruim é quem morre moço. Não vê o Tarcísio? Morreu um menino, de uma hora para outra.

EMÍLIA. Ali, sim, foi uma morte muito triste. De uma hora para outra, sem ter porquê.

AMÁLIA. Eu é que sei.

EMÍLIA. Você gostava muito dele, não é?

AMÁLIA. É triste demais ver gente moça morrer assim.

EMÍLIA. Verdade. Você está certa.

AMÁLIA. Andei pensando comigo. Acho que é isso o que lhe falta: vontade de viver! Você tem que tomar tento, minha irmã... Quem lhe vê, no seu estado, diz que você é a doente e eu a sã. Eu digo isso assim, na sua frente, para ver se você melhora.

Uma pausa.

EMÍLIA. O menino lá de baixo é neto do Alencar.

AMÁLIA. *(tentando associar o nome à pessoa)* Alencar?

EMÍLIA. O da fazenda Baixio, nosso vizinho.

AMÁLIA. *(incomodada)* Vizinho... *(ênfatisa)* Nossa casa é aqui.

EMÍLIA. Só disse porque, na conversa, acabei sabendo.

AMÁLIA. E é mesmo neto dele?

EMÍLIA. Legítimo.

AMÁLIA. Pois não nega o avô. Cada qual o pior. Você ainda era pequena, mas eu lembro do Alencar na porta lá de casa.

EMÍLIA. Ele ajudou muito a gente.

AMÁLIA. Remorso. Cansei de ver ele sair mais papai para arranjar o que não prestava. E nossa mãe em casa, sem dizer nada. Nenhum dos dois valia nada. Nem o Alencar nem papai. *(pausa)* Quando acontece, é tudo de uma vez. Eu sabia que esse meu sonho não podia ser boa coisa.

EMÍLIA. Desconjuro, Amália.

AMÁLIA. Você sabe: quando eu sonho, pode ir atrás que tem coisa. É ou não é? *(pausa)* Tá vendo? E vou dizer mais: Estou tendo o mesmo sonho já faz é dias. Fico até com medo de dormir. E ainda vem me aparecer este neto do Alencar. Você era pequena, mas eu lembro.

EMÍLIA. Mude o rumo dessa conversa, minha irmã. Se é de olhar para trás então lembre do que é bom. De um jeito ou de outro, depois que papai foi embora a vida até melhorou. Não foi só tristeza não.

AMÁLIA. O bom daquela vida é que acabou.

EMÍLIA. Às vezes eu penso em voltar lá, para ver. E se a gente for esse ano na festa da padroeira?

AMÁLIA. De que jeito, Emília, se nem a casa da Sede tem mais?

EMÍLIA. Por lá ainda tem parente nosso.

AMÁLIA. Vou nada, minha irmã! Vou não, que a pior coisa que tem é ficar de favor em casa de parente. *(Amália percebe o efeito negativo desta declaração sobre Emília, pausa)* Depois, aquele povo... Toda conversa eles inventam. É gente faladeira.

EMÍLIA. Ninguém vai por eles, não. A maioria já nem deve estar mais lá. É só para ver a cidade. Ver se mudou muita coisa. Indo na festa da padroeira é mais bonito.

AMÁLIA. Está vendo que não tem cabimento fazer essa viagem só para ver a missa... Todo ano é igual.

EMÍLIA. Tem a quermesse.

AMÁLIA. Quem gosta de quermesse é você. Se depois de moça eu tiver ido à quermesse duas vezes foi muito.

EMÍLIA. Você sempre foi de ficar em casa.

AMÁLIA. Alguém tinha que ficar. Ainda mais com a mamãe naquele estado. Você é que nunca faltou.

EMÍLIA. Eu gostava.

AMÁLIA. Eu toda vida ficava esperando, para ver se você trazia alguma coisa que não tivesse lhe agradado...

Emília tenta não alimentar a conversa.

AMÁLIA. Quem diria que a gente fosse morar no mesmo canto que o neto do Alencar... *(pausa)* Já pensou, Emília?

EMÍLIA. Quando ele me disse, eu chega tomei um susto.

AMÁLIA. Mundo pequeno. Capaz de ele ser de lá também.

EMÍLIA. É, sim... Veio para cá estudar, mas nasceu por lá mesmo.

AMÁLIA. O mundo está cada vez menor... Não tem mais para onde se esconder. E olhe que com tudo isso ainda tem quem suma.

Emília percebe a indireta, mas dissimula.

AMÁLIA. Esse aí está parecendo o vestido daquela fazenda que eu lhe dei...

Emília, um pouco acanhada, confirma com a cabeça. Satisfeita, mostra o vestido.

EMÍLIA. Bonito, não é?

AMÁLIA. Esse corte não lhe assentou bem não. Você devia ter levado aquele meu vestido de gola para fazer o molde.

EMÍLIA. Eu gostei desse jeito. Fazia tempo que eu queria um assim.

AMÁLIA. Por isso é que você nunca tem uma roupinha melhor quando precisa, minha irmã. Usa tudo em casa...

EMÍLIA. Se eu não usar em casa vou usar onde? Ninguém nunca mais saiu para lugar nenhum. Nem na igreja você tem mais gosto de ir.

AMÁLIA. Porque eu piorei. Mas você não é presa a mim, não. Tem sua vida. Cadê que estou lhe prendendo a nada? Você nunca gostou de sair comigo, vai querer minha companhia para quê? Aliás, só não lhe dou um dinheiro para você se divertir porque não tenho. Você sabe: se eu tivesse, eu dava. Não fazia questão.

EMÍLIA. Vou botar o café na mesa.

AMÁLIA. Espere o dia nascer.

EMÍLIA. Você já está acordada.

AMÁLIA. Fique aí. Será que nem isso você pode fazer por mim? *(após uma pausa)* Eu devo mesmo dar muito trabalho.

EMÍLIA. Não dá não. Mas você tem esse mal na coluna. Fazer o quê?

AMÁLIA. Faço tudo para não incomodar.

EMÍLIA. Não incomoda.

AMÁLIA. E o quanto eu posso, Emília, eu tento agradar.

EMÍLIA. Eu sei.

AMÁLIA. Mesmo porque quando você veio morar aqui, foi minha maior felicidade. Você não gosta de lembrar, mas para mim não teve coisa melhor que poder te ajudar. *(pausa)* Família é isso. Porque você já viu que um marido pode faltar quando se precisa, mas a família está ali, do lado, de um jeito ou de outro.

EMÍLIA. Nunca neguei isso, minha irmã.

AMÁLIA. Você sempre foi muito calada. Tem seu jeito de pensar. Mas às vezes a gente acha que uma coisa é ruim sem ser. Pelo seu gosto, você já não estava nem aqui.

EMÍLIA. Quem está dizendo é você.

AMÁLIA. Digo porque sei. Se você pudesse escolher, sua vida era diferente. Mas pense bem: de um jeito ou de outro, faço tudo o que posso para te agradar. E faço com gosto, que não sou de pedir nada em troca. Um dia você vai se dar conta. Por isso é que quando você diz o que diz eu até me calo. Acho melhor nem falar. Meu medo é só que você faça de novo a besteira que fez antes. Eu sei porque você está assim. *(pausa longa)* Andou

procurando por ele, não foi? (*encara Emília, que evita o olhar*) Andou procurando o Amaro, que eu sei.

Outra pausa. A menção deste assunto deixa Emília claramente desconfortável.

EMÍLIA. (*aproximando-se de Amália*) Anda, vou te levar para a cozinha. A gente toma logo este café.

AMÁLIA. Não disse que eu sabia o que era? Você não diz nada porque sabe que estou certa. Essa agonia toda é por causa do Amaro. Pare essa cadeira!

Emília pára de empurrar.

AMÁLIA. Pode me deixar no quarto. Estou muito bem aqui.

EMÍLIA. O café vai esfriar.

AMÁLIA. Não quero café, não. Deixe nascer o sol.

EMÍLIA. E para quê o sol, minha irmã?

AMÁLIA. A luz da cozinha me incandeia. Eu fico tonta.

EMÍLIA. Já é a segunda vez que a gente muda essa lâmpada. Primeiro era a fluorescente e você não se acostumava.

AMÁLIA. Horrível, aquela luz azul. Fica todo mundo com cara de doente.

AMÁLIA. Depois mudou para lâmpada comum, e agora você quis que botasse uma mais fraca. De noite, não dá quase para enxergar.

EMÍLIA. Me leve pro canto, não me deixe aqui no meio do quarto não, senão eu empato a passagem.

Emília atende o desejo da irmã.

AMÁLIA. Daqui a pouco eu vou com você tomar café.

EMÍLIA. A gente já está de conversa faz é tempo.

AMÁLIA. Você que me acordou com o barulho. Às vezes até uma meia-hora de sono me ajuda.

EMÍLIA. Quer ir no banheiro?

AMÁLIA. Agora não.

EMÍLIA. Se você quiser deitar de novo...

AMÁLIA. Para dar mais trabalho depois?

EMÍLIA. Não é trabalho nenhum, Amália. A gente faz o que tem que fazer.

AMÁLIA. Pode deixar. Quero ficar na cadeira mesmo.

EMÍLIA. Pois fique só repousando. Depois eu venho chamar. É bom que você relaxa.

Emília vai em direção à porta, mas é interpelada por Amália e vira-se.

AMÁLIA. Fique, minha irmã. A gente vai já-já. Essa semana eu piorei. Quase que nem dou conta de empurrar essa cadeira pelo quarto. Não estou mais conseguindo nem chegar na cozinha. E do jeito que você anda com a cabeça, é capaz de me esquecer aqui.

Emília desiste de sair. Mais uma vez, entregam-se por um tempo ao jogo do não dizer nada.

AMÁLIA. Você quer ir no banco quando?

EMÍLIA. Hoje.

AMÁLIA. Deixe para a outra semana. Pode ser que daqui para lá eu melhore.

EMÍLIA. Que você melhora eu sei. Mas para quê se cansar? Você assina o cheque e eu tiro o dinheiro. Pronto. É num instante.

AMÁLIA. Prefiro ir junto.

EMÍLIA. Com a coluna desse jeito?

AMÁLIA. Um dia a dor passa.

EMÍLIA. Meu medo é que acabe a semana e ninguém vá no banco.

AMÁLIA. Não dá para passar até segunda?

EMÍLIA. Só em último caso. Daqui a pouco falta até açúcar.

AMÁLIA. Se estiver precisando muito eu faço um sacrifício e vou com você.

EMÍLIA. Acho melhor eu ir só.

AMÁLIA. Não. Você anda muito avoada da cabeça. Sabe lá o que pode acontecer? Depois aparece um malandro na fila do banco e lhe deixa sem um tostão. Todo dia dá no jornal uma história assim.

EMÍLIA. Parece até que eu sou criança... Não custa nada eu pegar esse dinheiro. Todo mês é a mesma história: você tem que dar um jeito de ir comigo.

AMÁLIA. E você não quer que eu vá por que?

EMÍLIA. Não é isso não, minha irmã. Eu quero é evitar o trabalho.

AMÁLIA. Qual é o trabalho que eu dou? Mês passado até andando eu estava. Você só precisou me escorar.

EMÍLIA. Você acha que daqui para segunda feira vai estar andando?

AMÁLIA. Deus queira. Se não estiver, não custa nada levar a cadeira até lá embaixo e pegar um taxi. Já se fez isso mais de uma vez. O porteiro toda vida ajuda.

EMÍLIA. Essa gente faz tudo com má vontade.

AMÁLIA. Estão recebendo é para trabalhar. Quem paga o salário daqueles três lá na portaria é o condomínio que eu nunca deixei atrasar. Agradeço todo dia a Deus por a gente ainda contar com esse dinheiro, minha irmã... É uma pensãozinha pouca, mas dá para o comer.

EMÍLIA. É um dinheiro bom, Amália.

AMÁLIA. Deus foi que olhou pela gente. Todo mal tem seu bem.

EMÍLIA. Graças a Deus.

AMÁLIA. Talvez se eu estivesse boa e não recebesse mais a pensão, estavam as duas na rua, sem nada.

EMÍLIA. Parece que você fica feliz de estar doente.

AMÁLIA. Feliz, não. Mas de algum jeito eu tenho que me conformar. Estou só querendo ver o lado bom.

EMÍLIA. O lado bom é que para você ainda tem cura.

AMÁLIA. Se para ficar boa bastasse apertar um botão eu já tinha apertado. Quem é que escolhe ficar doente? Agora, uma coisa eu não vou negar: esse dinheiro que eu recebo é de muita ajuda e não é só para mim não. Se naquela hora difícil eu não estivesse ali e não pudesse ajudar, como é que ia ser? E mesmo quando o outro fez o que fez-

EMÍLIA. Vou botar água no fogo, minha irmã, para ir logo adiantando o almoço.

AMÁLIA. Está muito cedo.

EMÍLIA. Mas é bom ir logo ajeitando.

AMÁLIA. Nem o café a gente tomou.

EMÍLIA. Porque você não quis. Já está pronto.

AMÁLIA. Você está fugindo de mim por que? Que agonia é essa?

EMÍLIA. E eu hoje ainda não vou passar no banco, criatura?

AMÁLIA. Não. Fica para segunda mesmo. É melhor. Até lá ninguém morre de fome, não.

EMÍLIA. De um jeito ou de outro, parado é que não pode ficar. Almoço, se a gente vai deixando para depois, já viu. E, assim mesmo, vou ter já que ir no centro pegar o ventilador.

AMÁLIA. Pensava que só abria às nove.

EMÍLIA. É bom chegar mais cedo. Lá tem sempre muita gente. Quero ver se antes de sair deixo o tutano ajeitado.

AMÁLIA. Tutano?

EMÍLIA. Você sabe que demora para cozinhar. Ainda mais nesse fogão. Acho que está escapando gás. Tem hora do dia que ninguém consegue ficar na cozinha. De noite mesmo, lá no meu quarto, às vezes eu sinto o cheiro. É um perigo.

AMÁLIA. Sempre que eu como tutano eu fico doente, minha irmã... E você sabe. Você não é doída. (*pausa, Amália está de fato magoada*) Tanto que eu pedi para não comprar mais... Um negócio desse é a pura reima.

EMÍLIA. É não. Da vez passada fui eu que não escolhi direito.

AMÁLIA. Falei tanto que não comprasse...

EMÍLIA. Pode comer sem medo, eu garanto.

AMÁLIA. Você sabe que eu não posso. Minha raiva é que, mesmo sabendo, você continua comprando.

EMÍLIA. Você sempre gostou.

AMÁLIA. Não é questão de gosto.

EMÍLIA. Coma só mais essa vez. Se você passar mal de novo eu paro de comprar.

AMÁLIA. Se eu comer eu fico de cama. Não foi uma vez nem duas que eu adoeci comendo isso. (*pausa*) Não faz mal, não. Fico sem almoçar. Pronto. Está feliz? (*consigo*) Podia muito bem ter comprado outra coisa.

EMÍLIA. O dinheiro da feira foi muito pouco, minha irmã.

AMÁLIA. Se eu não dei mais foi porque não tinha. Nunca fui de esconder dinheiro. Você podia ter comprado carne-da-pá, ou mesmo um pedacinho assim de toucinho para temperar o feijão. Tudo você tem feito para me agoniar. O que é isso, minha irmã? Por que essa raiva toda?

EMÍLIA. Ora se eu lá estou com raiva de nada. *(pausa)* Estou é agoniada também, com o coração apertado. Tenho um negócio para te contar.

AMÁLIA. *(sentindo a chegada de algo que precisa evitar)* Se acalme. *(pausa)* Outra hora a gente fala nisso. Melhor mudar o rumo da conversa, pensar em outra coisa.

EMÍLIA. Falando, talvez eu melhore.

AMÁLIA. Me ajude aqui a sentar direito.

EMÍLIA. *(tomando coragem)* O Amaro telefonou ontem à noite.

AMÁLIA. Fuxico besta, Emília! Parece criança...

EMÍLIA. Disse que parou de beber. Arrumou a vida dele. Está trabalhando de marceneiro.

AMÁLIA. Que conversa...

EMÍLIA. Será verdade?

AMÁLIA. Quando vocês moravam junto ele parava de beber todo mês. Cadê que era verdade? No outro dia ele estava embriagado de novo e você de cara roxa. Ainda vai querer acreditar?

EMÍLIA. Isso já faz tanto tempo.

AMÁLIA. Faz sim. Você não é mais menina. Não consegue mais apanhar feito naquele tempo. E já sabe da vida o bastante para não errar de novo. Ele passou esse tempo todo sumido. Agora volta para lhe fazer mal outra vez e você ainda vem me perguntar se eu acredito no que ele diz...

EMÍLIA. Assim como eu envelheci, ele envelheceu também. Deve estar com outra cabeça.

AMÁLIA. A sua, pelo visto, não mudou muita coisa. Vai ver que a dele também não.

EMÍLIA. No telefone eu não tive jeito de dizer nada. Só fiz ouvir.

AMÁLIA. Aquilo é um malfazejo, Emília! Olha o que ele fez com a tua perna...

EMÍLIA. Ele estava doente.

AMÁLIA. Estava era bêbado.

EMÍLIA. É mesmo que ser uma doença. Até tratamento para isso já existe.

AMÁLIA. Isso é falta de vergonha. Doente sou eu, que vivo desse jeito. *(pausa)* Depois de tanto tempo, minha irmã, você ainda pensa nesse marginal. Sim, porque é um marginal!

EMÍLIA. Ele me chamou para voltar.

Amália percebe o peso da ameaça. Pausa.

AMÁLIA. Chega aqui, me ajude a ir no banheiro.

EMÍLIA. Será só conversa dele?

AMÁLIA. Ele acabou com sua perna! *(pausa)* Até hoje você anda capengando. Você é coxa por causa dele.

EMÍLIA. Minha perna já está boa, minha irmã. Eu ando direito, normal, como todo mundo. Faço tudo. Do jeito que você fala parece até que-

AMÁLIA. Falo porque foi. Não foi?

EMÍLIA. *(machucada, relembra por alguns instantes e admite)* Foi.

AMÁLIA. Você não muda. Parece que não aprende. Só não ficou aleijada porque, graças a Deus que está no céu e à Virgem Santíssima, eu estava lá para pastorar, mas toda sorte de ruindade ele lhe fez. Quer que eu lembre?

EMÍLIA. Não precisa, não. Eu sei.

AMÁLIA. E nossa mãe, coitada, ainda viveu para ver ele dar na sua cara, como quem dá na cara dum bicho.

Uma pausa. A tristeza de Emília é comovente. Amália percebe que foi além dos limites.

AMÁLIA. *(amenizando)* Quando você for no banco, pode tirar o dinheiro da sandália, viu?

EMÍLIA. Não precisa, não.

AMÁLIA. Precisa, sim. *(pausa)* Está com raiva? *(nenhuma resposta)* Não fique com raiva, não.

EMÍLIA. Não é raiva. É outra coisa.

AMÁLIA. Eu, toda a vida, acabo falando sem pensar. É meu jeito.

EMÍLIA. O que você disse é verdade. Mas você pensa que eu não lembro e eu lembro. Eu sei. Por mais que você estivesse lá, foi comigo que aconteceu. Fui eu quem sentiu mais. Não precisa me lembrar. Eu não esqueço.

AMÁLIA. *(após uma pausa)* Não deixei comprar a sandália antes porque o dinheiro não dava. A gente tem que se precaver para uma necessidade, minha irmã... Da vez passada, quando você precisou de remédio, foi o pouco que eu tinha juntado que lhe salvou. Esse tipo de coisa pode acontecer a toda hora. Ainda mais comigo, que sou como sou. *(pausa)* Mas é a vontade de Deus.

EMÍLIA. Se você se operasse...

AMÁLIA. Vontade eu tenho, mas cadê? Não tem cabimento eu deixar um bando de médico que não sabe de nada abrir meu corpo desse jeito. Quanta gente já não ficou aleijada de vez numa operação dessa? Você mesma falou com o médico.

EMÍLIA. Ele disse que a operação é segura. A chance de dar errado é muito pouca, quase nada.

AMÁLIA. É pouca, mas pode acontecer.

EMÍLIA. E tem de ser logo com você?

AMÁLIA. Quem é que sabe? Quem é que vê o futuro?

EMÍLIA. Você sempre foi tão corajosa...

AMÁLIA. Não é por medo, não. Mas eu é que sei de mim. Olhe para você. Cadê que quis se operar da perna?

EMÍLIA. Meu caso não era de operar.

AMÁLIA. Podia ter operado, você que não quis.

EMÍLIA. Podia, mas não precisava. Com você é diferente. É o único jeito.

AMÁLIA. Não é. Eu me conheço, eu sei. Você vai ver que eu ainda melhora, sem operação, sem nada.

EMÍLIA. Amália, você já passou por tanto médico. Não teve um que dissesse outra coisa.

AMÁLIA. Desde quando médico sabe de tudo? Quem sabe o que eu estou sentindo sou eu.

EMÍLIA. Esse que está cuidando de você agora é tão bom... Foi você mesma que disse.

AMÁLIA. Não tenho confiança em médico.

EMÍLIA. O remédio que ele passa você toma.

AMÁLIA. Remédio é diferente. É para aliviar... E só tomo quando a dor é muita. Amanhã você compra sua sandália e pronto.

EMÍLIA. Essa aqui ainda está prestando.

AMÁLIA. Não está, não. Quem sabe de você sou eu. *(indicando a sandália)* Olha o estado disso. Vão pensar que você é empregada.

EMÍLIA. Tem quem pense. Eu não ligo.

AMÁLIA. Mas eu ligo. Você é minha irmã, minha família.

Uma pausa. Emília pondera, em silêncio, sob o olhar de Amália.

EMÍLIA. *(com cautela)* Será que sua mala grande ainda presta?

AMÁLIA. Você teve foi uma visagem ruim... Esta história do Amaro ter voltado é agouro. Mas deixe que eu vou me pegar com tudo que é de santo para te tirar dessa agonia.

EMÍLIA. Ele telefonou ontem à noite.

AMÁLIA. Imaginação sua. Você precisa agora é pensar, Emília... Do jeito que está, parece até que volta para ele.

EMÍLIA. De ontem para hoje fiquei pensando na minha vida, Amália. Já não sou mais menina.

AMÁLIA. Esse negócio de idade é besteira. Você é forte, bonita... Muito bonita, minha irmã. Agora, olhe para mim. *(pausa, Emília evita o olhar)* Olhe para mim, Emília.

As duas se fitam longamente, até que Emília não consegue mais encarar a irmã.

EMÍLIA. Besteira, Amália...

AMÁLIA. Besteira não, verdade. Ainda mais eu tendo passado a vida quase toda prostrada assim.

EMÍLIA. De um jeito ou de outro, você foi mais feliz que eu.

AMÁLIA. Em quê?

EMÍLIA. Você se casou bem.

AMÁLIA. E durou quanto tempo?

EMÍLIA. Pouco, mas deu certo.

AMÁLIA. Foi pouco demais. Não estou reclamando, não. Agradeço a Deus meu casamento com o Tarcísio, mas foi muito pouco, minha irmã. Te vendo aí, agora, fico com medo por você. Medo de te ver acabar com o pouco que ainda tem. Eu me preocupo.

EMÍLIA. Eu acredito.

AMÁLIA. Não quero ver a dor de ninguém, não. Eu também sinto. Não sei nem o que eu fiz para merecer este castigo.

EMÍLIA. Não é castigo, minha irmã. É provação. Cada qual tem a sua.

AMÁLIA. (*ressentida, após uma reflexão*) É bem capaz da sua provação ser eu...

Uma pausa. As duas irmãs se olham num longo e já raro instante de cumplicidade.

AMÁLIA. Eu devo ser mesmo que fel. Mas me diga, minha irmã, se eu tenho por quê viver rindo? Passei a vida toda aceitando essa minha sina de ficar encostada num canto. Faço o que faço é para te ver feliz. Meu contentamento é te ver sã, bonita, forte... Vê lá se eu vou deixar judiarem de ti.

Uma pausa.

EMÍLIA. Você queria ir no banheiro...

AMÁLIA. Passou a vontade.

EMÍLIA. (*aproximando-se*) Tem certeza?

AMÁLIA. Tenho. Me ajude só a me endireitar...

Emília vai até Amália e tenta envolvê-la.

AMÁLIA. Cuidado...

EMÍLIA. Tenha calma, eu sei o que estou fazendo.

AMÁLIA. Devagar, minha irmã...

EMÍLIA. Calma...

Amália, de súbito, dá mostra de estar sofrendo uma dor muito forte.

AMÁLIA. (*em dor*) Pare, Emília, pelo amor de Deus... Pare, por favor...

Emília solta a irmã, que volta à cadeira, onde tenta se recuperar.

EMÍLIA. *(apreensiva)* Foi alguma coisa que eu fiz?

Amália, ainda sob o efeito da dor, dá a entender que não.

EMÍLIA. Tem certeza?

AMÁLIA. Você puxou com muita força... *(após uma pausa)* Mas não foi só isso, não. É essa pontada que todo dia aumenta.

EMÍLIA. Não diga isso, Amália...

AMÁLIA. Digo. É verdade. Mas Deus é justo e sabe que eu nunca fiz mal a ninguém para estar sofrendo essa vida de judiação que eu levo. Deus vai me aliviar.

EMÍLIA. Minha irmã, eu fico até agoniada.

AMÁLIA. Não precisa. Enquanto você estiver aqui, estou bem. Ruim era aguentar esta cruz sem você.

EMÍLIA. Não sei nem o que dizer.

Uma pausa.

AMÁLIA. Minha irmã...

EMÍLIA. Diga.

AMÁLIA. Eu estava aqui pensando... Você me ajudando, eu dou jeito de fazer esta operação. *(pausa)* Pro seu gosto. Com fé em Deus, ligeiro eu meloro. Aí vou lhe dar menos trabalho.

EMÍLIA. É bom ver você falando nisso. Vai te fazer bem.

AMÁLIA. Tendo você para me ajudar, eu aguento. *(pausa)* Você me ajuda?

EMÍLIA. *(pensa por um momento, responde à pergunta com um movimento indecifrável de cabeça e faz menção de sair)* Vou trazer o café para cá.

AMÁLIA. Não precisa, não. Essa conversa me deu foi fastio.

EMÍLIA. *(olhando por uma janela)* Já está quase claro. Olha a fumaça da padaria.

As duas olham longamente pela janela. A manhã já se insinua com força.

EMÍLIA. Está vendo?

AMÁLIA. Não.

EMÍLIA. Aquela listrinha branca.

AMÁLIA. Onde?

EMÍLIA. Ali.

Amália se esforça para ver, mas não consegue identificar a tal listra branca.

EMÍLIA. Não está vendo, não?

AMÁLIA. Não.

EMÍLIA. Quase não dá para ver, mesmo.

AMÁLIA. Engraçado. Essa padaria tem aumentado tanto e agora quase não tem mais fumaça.

EMÍLIA. Também estranhei. Outro dia eu fui lá e perguntei por que.

AMÁLIA. Que foi que disseram?

EMÍLIA. Mudou o forno. Compraram um mais moderno, sem fumaça. Para você foi melhor, né?

AMÁLIA. Por que?

EMÍLIA. Você toda vida reclamava

AMÁLIA. De quê?

EMÍLIA. Da fumaça.

AMÁLIA. Eu?

EMÍLIA. Sim.

AMÁLIA. Era. Mas só porque ardia meu olho. Do cheiro do pão assando eu gostava. Agora não dá mais para sentir cheiro nenhum. Eu pelo menos não sinto mais. E você?

EMÍLIA. Também não. É o forno novo.

AMÁLIA. Fica uma coisa pela outra.

EMÍLIA. Vai passando o tempo e vai mudando tudo. Onde é que já se viu padaria sem fumaça? O pão parece até que muda de gosto.

AMÁLIA. Para mim não faz quase diferença. Eu não posso mais comer pão, com essa azia.

EMÍLIA. Você criança gostava tanto de pão...

AMÁLIA. Eu? Não. Não gostava muito, não.

EMÍLIA. Gostava, sim.

AMÁLIA. Era mais você.

EMÍLIA. Você também. Você gostava daquele pão doce.

AMÁLIA. *(após uma pausa)* Sabia que ainda lembro até o gosto? Mas antes mesmo de papai ir embora, já não se comprava mais pão doce lá em casa.

EMÍLIA. Mas eu roubava para você.

AMÁLIA. *(reprovando)* Emília!

AMÁLIA. Que foi?

EMÍLIA. Você, dizendo que roubava.

EMÍLIA. Não roubava mesmo?

AMÁLIA. Sim, mas era só de molecagem. Você dizendo assim parece que era uma marginal.

EMÍLIA. Mas roubava, não roubava?

AMÁLIA. Roubava.

EMÍLIA. E era você que comia.

AMÁLIA. Era.

De súbito, as duas começam a rir.

EMÍLIA. E olhe que eu nem provava! Esse negócio de misturar pão com doce nunca foi para mim. Era só para você mesmo!

AMÁLIA. Era.

EMÍLIA. Não disse?

AMÁLIA. Só vendo, você!

Mais risos e, após os risos, uma nostalgia silenciosa.

AMÁLIA. Ah, meu Deus, como muda muita coisa.

EMÍLIA. Muda tudo.

AMÁLIA. Daquele pão doce não se encontra mais. Pode procurar. Daquele jeito não se faz mais, não.

EMÍLIA. Mesmo que tivesse, Amália.

AMÁLIA. Que é que tem?

EMÍLIA. Sua azia. Você não pode mais comer pão.

AMÁLIA. É. *(pausa)* Acabou-se.

EMÍLIA. Acabou-se.

Longa pausa.

EMÍLIA. Queria que você soubesse de uma coisa, minha irmã: Eu sempre fui muito agradecida pelo que você fez por mim.

AMÁLIA. Não tem que agradecer nada, sou sua irmã.

EMÍLIA. Só estou dizendo porque nunca fui muito de conversar. Quando eu digo conversar é conversar de verdade, falar mesmo.

AMÁLIA. Tem coisa que a gente sente, Emília. Não precisa nem ouvir.

EMÍLIA. Eu sei que, com tudo o que já aconteceu, você sempre quis meu bem.

AMÁLIA. *(pensativa, após uma pausa)* Engraçado...

EMÍLIA. O quê?

AMÁLIA. Você está certa: Quase nunca a gente pára para conversar de verdade. Não é só por sua causa não. Sou eu também.

EMÍLIA. A gente podia falar mais.

AMÁLIA. “Podia”, não: pode. Tempo é o que não falta. A gente foi ficando velha, mas ainda há de envelhecer muito mais antes de morrer.

EMÍLIA. Queira Deus.

AMÁLIA. Ele quer. E eu também. Nós dois querendo, não tem quem desmanche.

As duas riem, cúmplices. Emília se aproxima de Amália, segura-lhe a mão.

EMÍLIA. Minha irmã, às vezes você tem cada uma... Se eu não estivesse com medo de te machucar de novo, te dava um abraço.

AMÁLIA. Que é isso, Emília? Estou doente mas não sou de gesso, não. *(abrindo os braços)* Venha cá *(Emília hesita um instante)* Vem!

Emília e Amália se abraçam. Riem da situação inusitada. Mas aos poucos suas expressões se transformam, como se o abraço tivesse servido de anúncio. Separam-se. Ficam um tempo sem dizer nada, até que Emília quebra o silêncio:

EMÍLIA. Minha irmã, o negócio que eu tinha para lhe falar-

AMÁLIA. Aquela música que você cantou hoje cedo... Estou até agora querendo lembrar o nome.

EMÍLIA. Eu não lembrava nem que tinha cantado.

AMÁLIA. É muito bonita.

EMÍLIA. Amália, eu-

AMÁLIA. Se eu lembrasse o nome você cantava.

EMÍLIA. Diga então como era, mais ou menos.

AMÁLIA. Faz tempo que eu pejo e não consigo.

EMÍLIA. Eu é porque não lembro mesmo. Não estava nem prestando atenção.

AMÁLIA. Quando estou perto você nunca canta. Eu só escuto de longe.

EMÍLIA. É que eu tenho medo de lhe incomodar... Mas eu queria agora falar do Amaro.

AMÁLIA. Às vezes eu não sei o que passa na sua cabeça, minha irmã... Que história mais disparatada, meu Deus! *(pausa)* O que eu pude fazer para te ajudar, eu fiz. Quando você bateu naquela porta, toda marcada da surra, arrastada pelos vizinhos, quase sem poder andar, eu fiz das tripas coração para te ajudar. Até minha enfermeira eu tive que dispensar. Arranjei um advogado para você... O negócio só não foi para frente porque você não deixou.

EMÍLIA. Eu nunca quis advogado.

AMÁLIA. E por que nunca disse nada? Esperou ver nós duas passando por um monte de coisa ruim para depois tirar o nome do Amaro da justiça.

EMÍLIA. O que ele fez estava feito. Para quê mexer no que já tinha passado?

AMÁLIA. Para ele aprender que você não é bicho. E também para você começar a se dar valor.

EMÍLIA. Eu me dou valor.

AMÁLIA. Era para dar mais. E fiz tudo para te ver melhor depois de ele ter quase te matado.

EMÍLIA. *(após uma reflexão)* Amaro tinha aquele problema dele, mas quando não bebia era um marido muito bom. Eu gostava dele. *(pausa)* Tem dias que eu queria ficar com ele um pedaço. Eu sinto falta.

AMÁLIA. De fato ele era muito bom. Sempre foi muito bom para você. Todo mundo via. Eu é que nunca consegui ser. Nunca lhe agradei. Tudo que eu fiz foi para seu desgosto.

EMÍLIA. Eu já agradei tanto sua ajuda, Amália... Estou aqui do seu lado faz tanto tempo... Minha vida é, bem dizer, só você.

AMÁLIA. Eu sou doente. Você pensa que eu estou me fazendo, minha irmã? Que é só desaforo?

EMÍLIA. E a operação?

AMÁLIA. Deixe de ser ruim! Bote na sua cabeça que é um perigo que eu corro, que eu posso morrer, posso acabar de ficar aleijada...

EMÍLIA. Mas é para o seu bem, minha irmã. Eu também quero seu bem. Pensa que eu gosto de te ver assim, da cadeira para a cama?

AMÁLIA. Tem dias que até andando eu estou, você só faz dar o braço.

EMÍLIA. Podia estar andando só, para todo canto, sem precisar de ninguém.

AMÁLIA. Já acabei de falar que você me ajudando eu tenho coragem. Mas como é que eu vou fazer um negócio desse estando só nesse mundo, sem ter quem olhe por mim? Imagine aí como é que não fica uma pessoa depois de uma operação dessa? Pense no que eu vou ter que passar. Não é a metade do que você passou quando ficou no hospital. Eu sou sua família!

Uma pausa. Amália tenta acalmar-se. A manhã está cada vez mais presente.

AMÁLIA. Quem olha para sua cara acha até que você já vai agora.

EMÍLIA. Vou pegar a mala grande e deixo a minha aqui.

AMÁLIA. Como é? *(pausa)* Fale olhando para mim.

EMÍLIA. Se eu não for agora, quando é que eu vou? Minha hora é essa, Amália.

AMÁLIA. Não vai não, minha irmã. Você não sai daqui de casa, que eu não vou deixar você estragar sua vida dessa maneira.

EMÍLIA. Minha irmã, olha a idade em que eu estou!

AMÁLIA. Eu quero é te proteger.

EMÍLIA. Você tem dinheiro. Pode arranjar uma enfermeira de novo. Se der certo, eu fico vindo lhe ver.

AMÁLIA. *(numa profunda tristeza)* Você quer é me vexar. O que foi que eu te fiz, minha irmã, para você judiar de mim deste jeito? Oh, Senhor... Senhor, me mostre um caminho.

EMÍLIA. *(num suspiro de compaixão)* Amália...

AMÁLIA. Tanto bem que eu quero a ti. Se você soubesse quanto... Você não acredita em mim. Pensa que eu me faço de doente.

EMÍLIA. Que história, Amália...

AMÁLIA. Se você soubesse do meu sofrimento...

EMÍLIA. Minha vida é toda para ti!

AMÁLIA. Você só joga na cara. Quando foi que eu aleguei o dinheiro que eu te dou?

Uma pausa.

EMÍLIA. Todo dia, minha irmã.

AMÁLIA. Mentira! Vai começar a mentir agora?

Já é dia. Emília ajoelha-se perto da cama e procura a mala que está embaixo dela.

AMÁLIA. *(controlando-se, tentando reconquistar a irmã)* Deixe de brincadeira, Emília. Eu já vivo muito agoniada. Vou assinar o cheque e você pega o dinheiro no banco. Na volta, compra sua sandália. Pronto. Acabou-se a história. Você pode ir só.

Emília encontra a mala debaixo da cama, esvazia as miudezas que estão guardadas dentro.

AMÁLIA. O que foi que eu fiz para você me detestar desse jeito?

Nenhuma resposta. Emília examina a mala, bate-lhe o pé.

AMÁLIA. A vida toda você só teve foi vergonha de mim. Nunca quis nem estar perto. Pelo seu gosto você não dava conhecimento nem de mim nem da nossa mãe, que Deus a tenha.

Emília se levanta com a mala.

AMÁLIA. Isso é arte daquele malfazejo do teu marido. Beberrão, mulherengo. Todo vício aquilo tem. Você vai me deixar aqui, Emília? Vai deixar sua única irmã largada desse jeito, em tempo de morrer de uma agonia, sem poder chegar nem no banheiro, sem poder chamar viva alma? *(pausa)* Responde! *(nenhuma resposta)* Você sempre foi ruim deste jeito, mesmo. Matou nossa mãe de desgosto! Pois tomara que dê tudo errado, coisa ruim. Que ele dê de garra de ti e te bata de novo, te espanque. Vou rezar tanto para ele beber, Emília... Vou ficar morta de feliz de ver tua cara na minha porta, toda quebrada.

Emília vai em direção à porta do quarto. Com muito esforço, Amália tenta empurrar sua cadeira em direção à irmã. Não consegue se mover na velocidade necessária.

AMÁLIA. Você vai fugir dele e vou te aceitar outra vez, minha irmã. É minha promessa, Nosso Senhor vai ser testemunha. Volta aqui, Emília! Volta aqui!

Emília está resoluto, não pára.

AMÁLIA. Largue esta mala! A mala é minha!

Emília pára, larga a mala e continua em direção à porta. Está prestes a sair.

AMÁLIA. *(mudando de tom)* Espere, Emília! Pelo amor de Deus, espere. Só um instante. Pelo amor de Deus, minha irmã. Estou lhe pedindo.

Emília pára.

AMÁLIA. *(após uma longa pausa)* Você vai embora, está certo, mas deixe eu só lhe dizer uma coisa, antes de você ir.

Emília volta-se para a irmã. Amália passa bastante tempo sem dizer nada.

EMÍLIA. Diga, Amália. O que foi?

AMÁLIA. *(pesando cada palavra)* Eu sei que a vida aqui comigo é muito ruim, minha irmã. Muito ruim. Eu sei. Se fosse eu no seu lugar eu não tinha agüentado nada do que você agüentou. Nada. Não tinha mesmo. E sei que você é mulher, que ainda é nova e que sente falta de ter um marido. Eu sei como é isso. Mas é que esse negócio seu com o Amaro tem tudo para dar errado, Emília. Olhe para trás, para tudo que já aconteceu e me diga se tem algum cabimento isso que você está fazendo. Você me desculpe a besteira que eu disse, foi sem querer, Deus me livre de desejar seu mal. Quero mais é que dê certo esse seu casamento, porque você merece. Você é muito boa. Sempre foi. Mas pense, minha irmã, bote a mão na consciência. Você conhece tanto o Amaro. Essa conversa dele é mentira.

Vai ver ele até está querendo mudar mesmo, mas você sabe que ele não consegue. Você sabe. Para que arranjar mais sofrimento? Você ficando, a gente dá um jeito de melhorar essa nossa vida. Desde pequena, bem ou mal, sempre foi você e eu. A gente dá um jeito de melhorar daqui pra frente. Ainda dá tempo de consertar. Não vá embora, não. Fique. Fique mais um tempo. O Amaro fica vindo lhe ver. Eu não me incomodo, não. Assim você não entra nessa história com os dois pés, correndo o risco de passar por mais judiação, Emília. Fique.

Por algum tempo, Amália espera por uma reação de Emília. Nada.

AMÁLIA. Se você for embora, minha irmã, você não volta mais. Eu lhe conheço. Você diz que fica vindo me ver, mas não vai ficar não. Você sabe, não sabe? Você sabe, Emília. Está aí na sua cara para quem quiser ver. Não vá embora não, minha irmã, fique. Me dê essa chance. Fique, minha irmã.

Longo silêncio.

AMÁLIA. Anda, me ajuda a ir para a cama, me dá aqui o braço.

Emília sai. Amália permanece longamente em sua cadeira, enquanto a luz apaga.

Cai o pano.